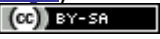


PILOTO: HONRA E GLÓRIA CAMARADAⁱ

Fonte: [Primeira Linha em rede, Sexta-feira, 10 Março 2017](#)

Edição em PDF: [José André Lôpez González](#). Novembro 2020.

HTML de: [Fernando A. S. Araújo](#), 2020.

Direitos de Reprodução: :  licenciado sob uma Licença [Creative Commons](#).



Publicamos a biografia editada por [NÓS-UP](#) na homenagem realizada ao guerrilheiro comunista galego coincidindo com o [Dia da Galiza Combatente](#) de 2011.

Pensárom que o matáram naquela manhã de 10 março de 1965, mas hoje, no 52 aniversário do seu cobarde assassinato pola Guarda Civil, a sua tenacidade e resistência pervive no comunismo revolucionário galego e na classe obreira, juventude e mulheres que sabem que só a Revolução Galega poderá conquistar a emancipação e liberdade.

PILOTO, EXEMPLO DE CORAGEM, TENACIDADE E RESISTÊNCIA

Por méritos próprios, José Castro Veiga, mais conhecido como Luís ou Piloto, fai parte de um dos episódios mais heroicos da recente história contemporânea da Pátria.

Foi o último combatente guerrilheiro antifranquista abatido pola Guarda Civil. Durante vinte anos, mantevo incólume a reivindicação de liberdade e justiça social. Nunca aceitou a rendição, nem nengumha forma de conciliação com os responsáveis polo holocausto galego iniciado em 1936.

Negou-se a arriar as bandeiras do socialismo e morreu de armas na mão.

Eram pouco mais das 11.30 horas da quarta-feira 10 de março de 1965 - exatamente sete anos antes do massacre policial contra o proletariado ferrolano que provocou a morte de Amador e Daniel¹- quando o Piloto foi assassinado cobardemente polas forças repressivas franquistas.

Após mais de duas décadas de perserverante coerência revolucionária, caía abatido um dos melhores filhos do povo trabalhador galego da segunda metade do século XX.

A fotografia escolhida para esta homenagem, possando para a cámara no que semelha umha corte, orondo, com chapeu, camisa branca, correagens no peito e apontando com umha pistola-metralhadora, é um indelével retrato emblemático da resistência nacional e popular, da Galiza que nunca se rendeu, dessa parte do País que nem o franquismo nem a posterior operação de maquilhagem do atual regime monárquico espanhol logrou ocultar.

Na esquerda independentista e socialista galega nom só queremos render-lhe a merecida homenagem, como reivindicamos a sua trajetória de incansável lutador, de comunista exemplar, de galego coerente, o profundo amor pola terra

¹ Em 10 de março de 1972 a polícia de Franco disparou contra um protesto sindical nos estaleiros de Bazán, em Ferrol, onde dous líderes do Comitê de Comissões Operárias de Ferrol, Amador Rey Rodríguez, nascido em Trasancos (Narão) em 1933 e Daniel Niebla García, nascido em Ferrol 1933, foram mortos e feridos no meio mais cem manifestantes. Desde esse ano, a data tem sido homenageada polos diferentes sindicatos da Galiza, exigindo melhorias sociais e laborais.

à qual serviu sem mais contrapartidas que o respeito, admiração e carinho do seu povo, sem o qual não teria sido possível ter superado a implacável perseguição a que foi submetido por falangistas, somaténs, exército e sobretudo pela brutal Guarda Civil.

OS PRIMEIROS ANOS

No dia 11 de fevereiro de 1915, nascia na paróquia de Boelhe de Argemil, concelho do [Corgo](#), comarca de [Lugo](#), no seio de uma família labrega, caseira de uma propriedade do general Telha. Como todo rapaz da época, teve que dedicar-se desde muito jovem às tarefas agrícolas para ajudar a economia familiar, se bem também teve oportunidade de ir à escola, destacando em caligrafia e álgebra.

Porém, com 16 anos, logrou ingressar na Academia de Aviação militar de Madrid, onde atingiu a graduação de cabo. Daqui procede a sua singular alcunha e, posteriormente, nome de guerra que tão profundamente ficou gravado na memória coletiva de uma ampla zona do centro e sudeste do nosso País.

Durante a Guerra Civil, combateu com o exército republicano e, posteriormente à derrota, foi detido em Madrid em 1939. Em 1943, beneficiou-se de um indulto após ter passado quatro anos na prisão logo de ter sido condenado a 30 anos de prisão.

Desde muito novo, esteve ligado ao [PCE](#). A repressão contra esta ativa militância política provocou a sua volta para a Galiza entre 1943 e 1945, depois de ter estado escondido num hospital madrilenho.

REGRESSO PARA GALIZA

Desde o primeiro momento de volta ao País o Piloto estabelece ligação com a ativa organização comunista luguesa, dirigida por Júlio Neto, Ramon Viveiro, Emilio Golás, Pepe Vicente e Henriqueta Outeiro².

Numa primeira etapa, dedica-se fundamentalmente a tarefas de organização e propaganda, destacando na organização e implantação da resistência comunista no centro-leste da Galiza.

“Luís era mui bom moço, magro e direitinho. Media 1.75 — depois com o repouso engordou e chegou a pesar 115 [quilogramas]. Tinha uma facilidade de palavra, minha filha, dava cada comício nas casas que havia que escutá-lo e convencer-se!” lembrava Mirelhe com nostalgia e imenso amor em 1980.

² Henriqueta Outeiro Branco (Castroverde (Lugo), 26 de fevereiro de 1910 - Lugo, 31 de outubro de 1989), também conhecida pelo seu nome de guerra Maria das Dores, era uma professora, feminista e ativista comunista galega que veio jogar como Secretária de [Dolores Ibárruri](#) durante a Guerra Civil Espanhola.

Pouco tempo demorou a intervir em açons armadas com grupos de combatentes que operavam por [Baralha](#) e [Castro Verde](#).

A grande queda de fevereiro de 1946, que provoca a detençom dos principais quadros políticos e militares comunistas da “província” de Lugo, e de mais e meia centena de militantes e colaboradores/as, provoca que o Piloto se desloque e instale a finais desse ano no coraçom geografico da Galiza, na [comarca da Terra de Lemos](#).

OS INÍCIOS DA GUERRILHA GALEGA

O brutal levantamento militar de 18 de julho de 1936 provocou que centenas de pessoas, na maioria dos casos jovens, optassem por refugiar-se nos montes à espera de acontecimentos, com o convencimento de umha rápida normalizaçom e restauraçom da legalidade republicana.

A impaciência e ingenuidade provocou centenas de mortes. Tal como graficamente manifestou com enorme sensatez Luís Trigo Chao “Guarda-rios”, quando se despede dos seus companheiros de [Mondohedo](#) “*A mim se me querem apanhar, tenhem que apanhar-me ao voo. A mim ao pousado nom me colhem*”.

O adverso desenvolvimento do conflito provocou que umha parte deses fugidos que inteligentemente nom se entregassem a umha morte segura e depois de 1939 optassem por se estruturar em organizaçoms guerrilheiras.

A chegada em 1940 à Galiza, às comarcas do [Berzo](#) e do leste “ourensano”, de quadros políticos e militares provenientes da frente asturiana facilitou em meados de 1941 um encontro nos montes de Casaio, na Serra do Eixo³, no qual posteriormente se conheceu como a Cidade da Selva, com partidas de combatentes galegos que operavam em toda essa region.

Esta importante reuniom de aproximaçom e convergência facilitou que em abril de 1942 tivesse lugar o que foi o congresso fundacional da primeira organizaçom guerrilheira no conjunto do Estado. Duas dúzias de combatentes participárom nas Penas de Ferradilho (Priarança do Berzo) na constituïçom da Federaçom de Guerrilhas de Galiza-Leom⁴.

³ A Serra do Eixo é uma cadeia montanhosa de orientação NE-SW localizada no leste da Galiza, abrangendo os municípios de A Viega e Carbalheda de Valdeorras. Faz parte do Maciço Pena Trevinca. Nela se encontram as alturas mais altas da Galiza: Pena Trevinca com 2.127 m, Pena Negra com 2.121 m Pena S Súrbia com 2.116 m de altitude. Separa as bacias do rio Xares e do rio Sil. De extraordinário interesse natural, é O Teixedal, um espaço único na Europa e nos vales glaciais.

⁴ A Federaçom Guerrilheira Leão-Galiza era uma organizaçom guerrilheira antifranquista, de carácter multipartidário, embora com predomínio de socialistas leoneses e asturianos, que congregava guerrilheiros anarquistas, comunistas e socialistas que operavam no imediato pós-guerra espanhol. A Federaçom operava no oeste de León (O Berzo, Lacia, Cabreira, Maragateria), norte de Samora (Sanábria), leste de Ourense (Viana do Bolo, Póvoa de Trives, O Barco de Valdeorras) e sudeste de Lugo (Fonsagrada, Becerreá e Quiroga). É por isso que a Federaçom leva o nome das regiões republicanas da Galiza e Leão. Até 1944, a Federaçom Guerrilheira León-Galicia manteve-se isolada dos partidos e sindicatos anti-Franco, tanto dentro como fora, criando uma linha política própria. O paradoxo surgiu de que os principais líderes eram socialistas, apesar do fato de que o [PSOE](#) como tal não apoiou a luta de

Esta organização operava basicamente no território nacional galego ([Valdeorras](#), [Viana](#), [Terra de Trives](#), [Fonsagrada](#), [Bezerreá](#), [Quiroga](#), [Ancares](#), [Courel](#)), assim como nas comarcas irredentas do [Berzo](#), [Cabreira](#), [Vale de Íbias](#)), conformada por combatentes autótonos sem um sólido enquadramento político, embora contasse com umha direção formada por antigos oficiais republicanos asturianos de orientação socialista e cenetista: Marcelino Fernández Villanueva “Gafas”, Mario Morán Garcia e Marcelino de la Parra Casas.

O seu confuso nome de Federação de Guerrilhas de Galiza-Leom responde à lógica indefinição nacional do projeto pola ausência do componente galeguista do interior que estava preparando a sua capitulação pinheirista⁵. Nesta reunião, os fugidos passaram a ser um exército guerrilheiro dotado de Estatutos, Regulamentos, Princípios e umha Direção centralizada. Fruto deste avanço, um ano depois, é editado em Santalha, perto do lago de Caruzedo, em Valdeorras, o primeiro número de “El Guerrillero”, vozeiro que seguiu editando-se até 1946.

Em abril de 1943, tem lugar nos montes de Ferradilho⁶ o 2º Congresso da Federação de Guerrilhas de Galiza-Leom e a finais do verão desse mesmo ano — setembro — o 3º, onde se acomete umha reestruturação organizativa reforçando o seu caráter militar.

Agora já nos [montes de Casaio](#), tem lugar entre os dias 10 e 12 de outubro de 1944 o 4º Congresso, onde se constata a cada vez maior influência comunista. É modificado o organigrama da Federação que passa a se estruturar em Agrupações integradas por quatro guerrilhas e quatro companhias do SIR (Serviço de Informação Republicana) — nova nomenclatura dos enlaces —, com atuações em áreas geográficas concretas e determinadas.

1 e 2 de março de 1945, quando a derrota nazi-fascista na Segunda Guerra Mundial era umha realidade, tem lugar o 5º Congresso, novamente em Casaio. Os problemas políticos entre comunistas e socialistas emergem com toda a sua crueza. Nos meses seguintes aparecem novas estruturas guerrilheiras a margem da Federação, no que som os germes do Exército Guerrilheiro da Galiza que, após a dissolução da Federação em 1947, hegemoniza a etapa de esplendor da luta armada contra o fascismo na Galiza.

Porém, em julho de 1946, tivo lugar o 6º Congresso na mítica Cidade da Selva, na até daquela inexpugnável [Serra do Eixo](#). Mas a reunião não pôde finalizar, pelo ataque inimigo que provocou duas baixas. Previamente, tinham-se produzido as quedas de Columbrianos-Ponferrada e da Teixeira, saldadas com mortes e basicamente as detenções de 550 colaboradores/as.

guerrilha. Em abril de 1943, publicaram o primeiro número de El Guerrillero, órgão de expressão da Federação, impresso clandestinamente em Santalha (O Berzo).

⁵ De Ramóm Pinheiro. Veja-se uma mínima biografia [aqui](#). Também é de interesse o vídeo [Olhadas sobre Ramom Pinheiro](#).

⁶ Ferradilho é uma Entidade Local Menor, pertencente ao município de Priaranza do Berzo localizado na região de O Berzo

A partir de aqui, tem lugar um processo progressivo de descomposição motivado pelas infiltrações, os êxitos das contra-guerrilhas (unidades militares “irregulares” que disfarçadas de guerrilheiros aplicavam as táticas da guerra assimétrica e cometiam abusos entre a população para desprestigiar a luta armada), as divergências políticas internas, e a adesão de alguns dos principais dirigentes aos apelos liquidacionistas promovidos pela direção da [CNT](#) e do [PSOE](#) que, desde 1946 e 1947, apostam no abandono da luta armada, promovendo o exílio dos combatentes.

Mas uma parte dos guerrilheiros, aqueles/as com menor vinculação partidária, optaram pela integração ou colaboração com o Exército Guerrilheiro da Galiza, como o Girom ou Mário de Languinho.

A importância da luta guerrilheira como verdadeira oposição ao franquismo provoca que o regime aprove a promulgação da “Lei para a repressão do Bandidagem e o Terrorismo” que significa a legalização do assassinato e das execuções. O aparelho de repressão fascista aposta na aniquilação física sem contemplações. A licença para matar opta por evitar feridos e prisioneiros. Promove-se a execução de guerrilheiros e enlaces.

Um Decreto da Direção Geral de Segurança (DGS) de 11 de abril de 1947 proíbe a utilização do termo guerrilha, “maquis” ou “guerrilheiros”. Só se pode empregar “bandoleiros”, “foragidos” ou “bandoleirismo”. Esta decisão favorece uma mudança do significado, pois os informes da Guarda Civil quando se referem à delinquência comum afirmam que “nom som verdadeiros bandoleiros”

O EXÉRCITO GUERRILHEIRO DA GALIZA

A IV Agrupação de guerrilhas, fundada a finais de 1944 sob direção comunista, foi determinante para o posterior fundação do Exército Guerrilheiro da Galiza, que inicialmente adotou o nome de “Exército de Libertação da Galiza”.

Mas foi chegada à Galiza de José Gomes Gaioso “López” ou “João”⁷, de António Seoane Sanches “Julián”⁸, de Manuel Branco Bueno e de Manuel Fernandes Souto “Coronel Benito” ou “Soutinho”, o que permitiu a recomposição integral e impulsionamento da luta armada no País. Os quatro valiosos quadros comunistas configuram o novo Comité galego do [PCE](#), assumindo Gaioso a Secretaria Geral e Seoane a máxima responsabilidade militar.

⁷ José Gomes Gaioso [Juan, Carlos e López], ([Maceda](#), 28 de abril de 1909 - Campo do Rato, 6 de novembro de 1948) foi professor e político comunista, maquis anti-Franco, executado com [garrote vil](#) durante a ditadura franquista.

⁸ Antonio Seoane Sanches [também conhecido por Julián e Jorge; nome falso Aureliano Barral] ([Boiro](#), 13 de outubro de 1906 - Campo do Rato, 6 de novembro de 1948) foi um guerrilheiro antifranco nascido na Galiza. António, junto com Gaioso e dois outros membros da guerrilha foi preso em A Corunha em 10 de julho de 1948. Foi torturado durante a sua detenção e num conselho sumário de guerra, foi condenado junto com Gaioso à pena de morte por "atividades comunistas".

Esta nova direção politiza a guerrilha, incide na formação ideológica das e dos combatentes, imprime dimensões propagandística mediante a prática da sabotagem, mas basicamente militariza a guerrilha.

Assim, na primavera de 1948, introduzem as fardas guerrilheiras e entregam cartões de identidade em que figuram o nome real, graduação e unidade a que pertencem.

Em dezembro de 1946, tinha-se editado o novo número de “El Guerrillero”, mantendo idêntico cabeçalho da Federação. O derradeiro número sai do prelo em julho de 1951. Embora posteriormente O Piloto continue com a sua publicação e distribuição.

A aparentemente favorável situação internacional combinada com algumas das medidas organizativas adotadas logram resultados imediatos no incremento e eficácia da atividade guerrilheira e introdução política, impingindo contundentes golpes ao inimigo, mas lamentavelmente foram fugazes.

Algumas diretrizes não se ajustavam às condições da luta e foi sobretudo a passividade ou mesmo negativa na sua aplicação — como a utilização de fardas — o que sem dúvida contribuiu para manter intatas e alargar a vida operativa de algumas estruturas clandestinas armadas.

O EGG foi aplicando constantemente adaptações organizativas com base nas necessidades e repto. Chegou a contar com cinco Agrupações e várias centenas de combatentes apoiadas em milhares de enlaces.

Marrofer, Manuel Ponte Pedreira, Francisco Rei Belbis “Moncho”, Francisco Martins Leira “Pancho”, Benigno Andrade Garcia “Foucelhas”⁹, foram alguns dos mais carismáticos e conhecidos.

O heroísmo de Gaioso e Seoane e do resto da direção comunista galega, que disciplinadamente abandonaram um exílio dourado em Cuba e Argentina, respetivamente, para impulsionar a luta política e militar na sua pátria, não é correspondido, com a traição da direção do [PCE](#) encabeçada por [Dolores Ibárruri](#), [Santiago Carrillo](#) e [Francisco Antom](#), que, seguindo as diretrizes de [Estaline](#) a seguir a uma visita de uma delegação à URSS, decidem abandonar a luta armada e desmontar a guerrilha. Obscuras razões geoestratégicas emanadas dos acordos da [Conferência de Ialta](#) (fevereiro de 1945) justificavam as posteriores recomendações soviéticas.

Aqui constatam-se as nefastas consequências da ausência da auto-organização, da absurda dependência e submissão a projetos alheios à realidade nacional em que se pratica a luta de classes.

⁹ Benigno Andrade García (As Foucelhas, (Cabruí), Mesia, A Corunha, 22 de outubro de 1908 - A Corunha, 7 de agosto de 1952), mais conhecido como Foucelhas, foi um famoso maqui anarquista e antifranco galego. Foi julgado numa Corte Marcial em 26 de junho de 1952 e condenado à morte. A sentença foi executada em 7 de agosto do mesmo ano, na prisão de A Corunha, por meio de garrote vil, sendo enterrado numa vala comum no cemitério de São Amaro.

O extremo jacobinismo da cultura hegemónica na [III Internacional](#) pós-leninista já tinha impossibilitado a criação de um genuíno Partido Comunista Galego que desde 1931 teimavam em criar @s comunistas ourensanos encabeçados por [Benigno Álvares](#).

No entanto, [Carrillo](#) e [Dolores Ibárruri](#) seguiam obedientemente as directrizes de Vittorio Codovila¹⁰, que dirigia a partir de Madrid, com mão de ferro, o [PCE](#) sob a tutela da burocratizada Komintern.

Dez anos depois, todo seguia inalterável, executando o mesmo procedimento antidialético. Madrid, como intermediário de Moscovo, continuou impondo a tática e a estratégia à sucursal galega. Decisões erróneas adotadas por elementos forâneos desconhecedores da situação e características concretas da luta da específica formação social galega, e seguindo interesses à margem do povo galego, provocaram novamente uma desfeita.

Mas tampouco podemos descondiderar que o reconhecimento internacional do regime franquista pelas potências internacionais foi um duro golpe contra a resistência armada, gerando desmoralização entre a rede de apoios que progressivamente se foi reduzindo pelo acionar da repressão e das novas táticas que facilitavam a delação em troca de amnistia.

Precisamente uma delação permite a detenção de Gaioso e Seoane na Corunha a 10 de julho de 1948. Após infames vexames e brutais torturas, som executados a “garrote vil” na prisão da Corunha, depois de serem condenados à morte num julgamento-farsa. Enquanto isto se passava, a casta carrilhistas estuda a melhor forma de implementar a desmobilização e desmantelamento da guerrilha.

O que veio depois foi um conjunto de reveses contínuos provocados pela infiltração da Guarda Civil que incrementava êxitos na combinação de labores de inteligência com o combate direto.

A morte do Coronel Benito em julho de 1948 foi um duro golpe. A posterior decisão de continuar a estratégia político-militar, agora implementada por Francisco Rei Belvis “Moncho” como máximo responsável, não teve sucesso. De imediato, a direção do [PC](#) enviou da França ao nosso País o oscar José Sevil “Ricardo”¹¹, para aplicar a linha liquidacionista.

¹⁰ Vittorio Codovilla (8 de fevereiro de 1894, Ottobiano, Reino da Itália - 15 de abril de 1970, Moscovo, União Soviética) foi um líder político comunista italiano nacionalizado argentino que se tornou o líder mais importante do comunismo argentino e sul-americano.

¹¹ Nasceu no concelho de Abiego, em Huesca, em 1911. Ingressou no [Partido Comunista da Espanha](#) (PCE) em 1931. Devido à sua atividade política, foi detido e encarcerado várias vezes. Após a eclosão da Guerra Civil, ingressou nas forças republicanas, passando a fazer parte do comissariado político do Exército Popular da República. No decurso da guerra, passou a servir como comissário da 1ª Brigada Mista e, posteriormente, da 45ª Divisão. Após a guerra, foi para o exílio na União Soviética. Durante a Segunda Guerra Mundial, juntou-se a uma unidade de guerrilha como comissário político. Em 1947 deixou a União Soviética e mudou-se para a França, junto com outros comunistas espanhóis. Em outubro de 1949, o [PCE](#) o enviou à Espanha para assumir a liderança do Comitê Regional da Galiza e da guerrilha comunista daquela área. Nos maquis, usou o pseudônimo de "Ricardo". No entanto, Sevil voltaria para a França por

Na primavera e verão de 1951, tanto Moncho como Sevil retiram-se para França, deixando ao abandono uma parte dos restos das dicimadas estruturas políticas e armadas.

O esmorecimento da heroica resistência obreira e camponesa contra a ditadura fascista iniciou um declínio irreversível. Ainda assim, continuárom com o facho levantado e acesso um punhado de mulheres e homens valentes, entre os quais destaca José Castro Veiga, Piloto.

Foucelhas foi executado na prisom da Corunha a 7 de agosto de 1952. Umhas semanas antes, o último responsável simbólico do Exército Guerrilheiro da Galiza, Melchor Diaz “Pepito”, que detinha a secretaria geral do [PC](#) na Galiza, tinha sido abatido pola Guarda Civil.

A defunçom real da guerrilha galega tem lugar em 1952. A partir deste momento, continuam existindo partidas, mas sem estruturaçom e carentes de estratégia política e militar, mais que resistir e sobreviver.

Ainda assim, em maio de 1954 morre em [Castro de Rei](#) num confronto com a benemérita José Árias Fernández “Dapenci”. Em dezembro dese mesmo ano, foi Francisco Martins Leira “Pancho”, em [Pontedeume](#).

Em novembro de 1957, foi capturado em [Maceda](#) Manuel Garcia Rodrigues “O porco” e executado posteriormente em Ourense.

APOIO POPULAR

Umha ampla rede de enlaces, umha extensa aranha invisível para o inimigo, construída com base na identificaçom ideológica, simpatia política, relaçons de amizade e familiares, compromissos pessoais e temor a represálias em caso de delaçom ou denúncia, som a base que permite explicar o fenómeno da guerrilha galega antifranquista e a posterior resistência dos que se negárom a desmobilizar-se e continuárom em atividade até a metade da década de sessenta do século passado.

O PILOTO NA GUERRILHA

O Piloto, a inícios de 1947, é nomeado chefe do Estado Maior da III Agrupaçom do Exécito Guerrilheiro da Galiza. Porém, diferentemente de muitos dos seus camaradas, o Piloto nunca aplicou de forma doutrinária diretrizes e métodos que embora aparentemente corretos na teoria a realidade constatou nem sempre acertados.

um ano mais tarde, por não conseguir fazer com que os guerrilheiros se adaptassem à nova situaçom da época. Mais tarde, se estabeleceria na Tchecoslováquia, país onde morreria.

Semelha que por incumprir a disciplina e as diretrizes, chegou a ser condenado à morte pola direçom do [PCE](#), embora nom existam provas que confirmem estes factos.

Deste jeito, criou o denominado “Destacamento D”, de composiçom variável, acionar irregular e basicamente grande mobilidade. Foi a compartimentaçom e os mecanismos de segurança alicerçados em estruturas individualizadas de apoio que permitiu ao Piloto resistir mais de três lustros depois da execrável traiçom do [PCE](#) à guerrilha galega.

Tal como relatou “Mirelhe”, alcunha de Ramona Curto Candal, a sua inseparável camarada de armas e companheira sentimental, *“Piloto insistia na necessidade de estar bem conetados entre eles e agir juntos ocasionalmente, mas mantendo cada um as suas bases de apoio e os seus refúgios, como melhor sistema para evitar as quedas maciças”*.

“Dim que o rato que nom sabe mais que de um buraco de seguida é apanhado polo gato. Por isso ... andei por muitos sítios, melhor dito, andei em todos os sítios e estivem em nengum (..) umha noite aqui e outra acolá” em palavras de Mário Rodrigues Lousada “Langulho” ou “Pinche”, o último combatente galego. Em 29 de agosto de 1968, com 55 anos, deixa [Maceda](#) para refugiar-se na França logo de 32 anos no monte.

No ano anterior Ramon Rodrigues Varela “Corujás”¹² tinha sido depositado polos enlaces à beira de um caminho em Vilamor¹³, [Compostela](#), acompanhado da sua pistola Astra 400. Tinha falecido de um infarto.

Até a sua morte, o Piloto seguiu coerentemente as orientaçoms dadas por José Gomes Gaioso e António Seoane ao movimento guerrilheiro galego numha carta manuscrita uns dias antes da sua execuçom 6 de novembro de 1948 — coincidindo com o ajustiçamento do chefe falangista corunhês Juan Canalejo —, *“... Os malandros que tantos crimes e atrocidades cometem, nom se resignam a desaparecer. De que estão perdidos, estão eles bem seguros. Por isso a raiva e a cobardia do que se vê perdido, a desabafam nos que caem nas suas gadoupas. Mas fracassárom e fracassarám mil vezes; logo morderám o pó da derrota e a Galiza, esta terra mártir e heroica em que nascemos e pola qual gostosos damos a vida, verá brilhar o sol da liberdade e da verdadeira justiça de monte a monte e de mar a mar. Quando esse dia chegar, que chegará logo, só vos pedimos que nom vos domine o espírito de vingança; mas fazei justiça, nom esqueçais, nem perdoeis os carrascos do nosso povo”*.

Foi precisamente a habilidade, astúcia e profundo conhecimento do terreno que o Piloto tinha, mas também da psicologia do povo galego, o que permitiu

¹² Ramóm Rodrigues Varela, nascido em Vilouriz ([Toques](#)) em 1904 e falecido em O Freixeiro ([Palas de Rei](#)) a 14 de maio de 1967, era um mineiro galego e anarco-sindicalista, guerrilheiro anti-franco após a Revolta Nacional sob o pseudónimo de Curuxás. Tirou esse apelido da casa de Curuxás, em Palas de Rei.

¹³ Vilamor (oficialmente denominado Santo Estevo de Vilamor) é uma freguesia do município de Toques, província da Corunha, Galiza.

sobreviver durante três lustros os reveses e a cada vez maior hostilidade perante umha nova realidade.

Novamente as testemunhas de Mirelhe contribuem para entender o seu modus operandi: *“O Piloto andava só quase sempre. Nalgumha ocasiom, por se camuflar ou passar despercebido, saía na companhia de algumha pessoa que a ele lhe parecia de garantia ou à qual ninguém ia parar. Porque o Piloto, tanto andava de dia como de noite. Aqui em Escairom¹⁴ mesmo, com o posto da Guarda Civil, ele ia ao café, andava por ai e nom tremia para nada. Era um homem mui sereno. Ia a Monforte, ia a algumha festa ao cair a tarde, embora a poucas”*.

Foi esta intuição e olfato a que lhe evitou acompanhar a 22 de junho de 1949 o seu lugartenente, Elias Lopes Armesto, assim como Santiago Pássaro e o Coronel Benito, que proveniente do exílio na URSS nesse momento detinha a chefia do Exército Guerrilheiro da Galiza, com a de secretário-geral do PC na Galiza. Os três combatentes fôrom assassinados numha cilada de um infiltrado na Pena de Remessar¹⁵, em Bóveda.

Posteriormente, umha ampla batida golpeia as bases de apoio em [Monforte de Lemos](#), [Póvoa de Brolhom](#), [Savinhao](#), [Bóveda](#), [Chantada](#).

A partir daqui o Piloto, em companhia da sua amada Mirelhe, opta por um repregamento e por se apoiar exclusivamente naqueles enlaces da sua mais absoluta confiança.

Na segunda metade de 1949, parecia que Mirelhe e o Piloto tinham desaparecido, que foram engolidos pola terra. Mas o franquismo nunca parou de persegui-los.

Posteriormente, recupera a ligação com o [PCE](#), entrevistando-se com Melchor Diaz “Pepito”, um dos homens enviados para aplicar as nova estratégia liquidacionista. O Piloto nom questionou abertamente a decisom, mas tampouco a aplicou.

À margem de que era inviável fazê-lo no âmbito rural em que operava pola ausência de concentraçoms obreiras, a realidade constata que em 1950-1951 continuou realizando golpes centrados na recuperaçom de fundos.

Precisamente em junho de 1951 tivo lugar a última grande açom conhecida, consistente na apropriaçom de 100.000 pesetas da época a um rico casal. Os factos tivérom lugar três anos depois da decisom de suspender o acionar armado polo [PCE](#) e dous da proibição de dar golpes económicos na Galiza.

Nos anos seguintes, o Piloto manteve-se em segundo plano, vivendo em casas de enlaces polas [Terra de Lemos](#) e “província” de Lugo, mas também — tal como

¹⁴ Escairom é uma vila galega, capital do município do Savinhao, na província de Lugo (Galiza).

¹⁵ Em Remesar, Bóveda (Lugo), há uma pena que tem o formato de um rosto humano. Abaixo da rocha há uma caverna com uma boca de cerca de um metro de altura e três metros de comprimento na qual os mouros viviam, segundo os pesquisadores etnógrafos de Galiza encantada.

manifestou Mirelhe a inícios da década de oitenta — pelas “províncias” de Ourense e Ponte Vedra. Isto só foi possível graças à densa rede popular de apoio.

Porém nom significa que estivesse inativo: *“Apertavam tanto e andavam tanto por cima, prendendo aqui, torturando ali e dizendo por todas partes que ia cair, que ia cair... Mas ele seguiu igual, fazendo um labor um pouco mais calado, porque a gordura ia apoderando-se dele, mas sem deixar de lutar nunca”*.

O irracional desenvolvimentismo económico franquista e a sua particular política hidráulica, inçando de barragens alguns dos melhores vales e terras produtivas da Naçom, também contribui negativamente para alterar o âmbito vital do Piloto.

A barragem dos Peares¹⁶ primeiro, e posteriormente a de Belesar¹⁷, modificou o espaço geográfico no qual se vinha movendo como peixe na água, conseguindo ter evitado ser detetado pola Guarda Civil. Aldeias assulagas como a de Sernande ([Chantada](#)) e a emigração que começou a vaziar de população amplas zonas da Galiza interior provocou perda de refúgios e de enlaces. Segundo Mirelhe nunca pensou no exílio. Apostou em viver na clandestinidade e morrer na terra onde nasceu e que tanto amou.

Este período é ainda um dos menos conhecidos da sua vida. Voltando a Mirelhe, sabe-se que *“vinha fazendo umha viagem de ano em ano, de uns oito dias. E no resto do tempo saía também às vezes, mas voltava aginha”*.

“Tivemos casas nas quais estivemos três anos seguidos. Ele estava cabo de mim quando queria, mas com frequência saía a organizar a zona. Porque nós, embora estivéssemos seguros numha casa, tratavamos sempre de abrir zona, entre outras cousas porque, se caía umha casa, tínhamos que ter onde apoiar-nos e refugiar-nos”.

O que é evidente é que o Piloto, além de garantir a sua subsistência, continuou operativo, embora ralentizado, até a sua morte. Seguiu editando um rudimenário boletim denominado “Vida Guerrillera”, distribuindo propaganda, enviando cartas à Rádio Pirenaica¹⁸, mantendo ativada a sua rede de colaboradoras e

¹⁶ A montante da população, no rio Minho, encontra-se a barragem de Peares, que começou a ser construída em 1947 — uma das mais antigas da Galiza — e foi finalmente inaugurada em 1955. Ocupa uma área de 535 ha e tem 159 hectares.

¹⁷ A barragem de Belesar (em galego: Encoro de Belesar) é um pântano artificial criado em 1963 no rio Minho, Espanha (o maior deste rio). Localizada entre os municípios de Taboada, Chantada, Saviñao, Paradela, Páramo, Guntín e Portomarín. Sua capacidade é de 655 hm³, ocupando uma área de aproximadamente 1.910 hectares e apresentando uma cauda de 50 km. A construção da represa significou, para além de inundar quase 5000 hectares de terras férteis, o desaparecimento sob as águas da vila de Portomarim, que foi reconstruída perto da sua antiga localização.

¹⁸ A Rádio España Independiente também conhecida como La Pirenaica, foi uma emissora criada pelo [Partido Comunista da Espanha](#) como meio de informação e propaganda para o interior dum partido político, que como todos os outros, exceto a Falange de las JONS, foi proibido na Espanha de Franco. "A Pirenaica" era a mais importante na época entre as estações "clandestinas" que, ao contrário das rádios oficiais que transmitem no estrangeiro em várias línguas, não divulgam de que ponto ou país fazem as suas emissões. Esta estação foi criada a pedido de [Dolores Ibárruri](#), Pasionaria e começou a transmitir de Moscovo em 22 de julho de 1941. O apelido de "estação dos Pirenéus" é usado para eliminar a sensação

colaboradores, elaborando documentação como os Estatutos das Agrupações II e III do que denomina “Exército Guerrilheiro de Libertação Nacional”, integrado pelas “forças combatentes armadas do Movimento de Resistência da Galiza”. No que se considera o último documento escrito que se conserva, realiza um apelo ao povo galego e aos trabalhadores para umha greve geral política “*O franquismo que assassinou o mártir [Julián Grimau](#) pretende hoje assassinar o heroi [Ramón Hormazabal](#)...*”.

Portanto, nem renunciou, nem abandonou. Todos os dados que se conservam constataam que possuía um projeto a meio prazo que nom pudo implementar, pois foi abatido pola Guarda Civil após ter realizado umha recuperação de fundos na casa de uns ricos gadeiros.

MIRELHE, INSEPARÁVEL CAMARADA E COMPANHEIRA SENTIMENTAL

Nom se pode entender a perserverante entrega do Piloto à causa da luta pola liberdade e contra o fascismo sem o apoio de quem foi a sua melhor camarada e o seu grande amor: Ramona Curto Candal.

Após tê-la conhecido a 19 de maio de 1946, na casa familiar de Recom, e estabelecer umha relação, incorporou-se à luta clandestina guerrilheira em outubro de 1947. Desde esse momento, estivo sempre com ele. Foi o seu melhor aliado, o seu permanente apoio e quem dez anos depois da sua desapareçom contribuiu para recuperar a sua trajetória de combatente guerrilheiro galego. No 21 aniversário da sua execução, tivo lugar a primeira homenagem pública de que se tenha constância. Mirelhe foi determinante na sua organização.

No domingo dia 9 de março de 1986, foi inaugurada umha lápide no seu túmulo, paga por subscriçom popular. Houvo leitura de poemas e intervençoms. Segundo as crónicas jornalísticas umha parte de “seletos” convidados nom acudírom. Nem apareceu [Carrilho](#), nem [Líster](#), nem [Ignacio Gallego](#), como tampouco [Gerardo Iglesias](#), daquela secretario-geral do social-democratizado [PCE](#).

de afastamento de o facto de Estar em Moscovo. Era a principal informação de rádio em oposição ao regime de Franco e a sua propaganda, após o decreto que concedeu o monopólio das notícias à Rádio Nacional de Espanha. Portanto, o simples facto de ousar entrar em sintonia já era um gesto de oposição ao franquismo. Para além da REI, as emissões de estações oficiais, em espanhol, de outros países europeus, como a Rádio Francesa, a BBC ou a Rádio Moscovo, foram mais uma forma de os ouvintes "saltarem a barreira" do referido monopólio, podendo assim aceder à informação livre e plural. Após o ataque alemão à União Soviética e dada a proximidade das tropas alemãs com Moscovo, a sede da Radio España Independiente mudou-se para a cidade de Ufa, na República Autônoma da Bashkiria. Em 5 de janeiro de 1955, por motivos não totalmente explicados, mas que poderiam estar relacionados à presença da União Soviética nas Nações Unidas ou à divisão de atividades entre os seus países aliados, a estação mudou-se para onde seria a sua localização definitiva, a capital da Romênia, Bucareste (sede em Sos. Kiseleff, num pequeno prédio de tijolos localizado no lado esquerdo do Museu do Camponês). A partir de 1960, passou a contar com melhores meios técnicos para ampliar a sua cobertura e neutralizar as interferências provocadas pelas autoridades franquistas. É nessa época que técnicas como a gravação em fita de programas e a sua transmissão em determinados momentos e em certas frequências que podiam variar (chamadas por REI de 'ondas voadoras') começaram a ser utilizadas e, assim, evitar as emissoras que, de dentro da Espanha, interferiam com o ruído nas suas frequências fixas.

Outra ausência foi a dos líderes da esquerda nacional. Nem rasto de dirigentes do [BNG](#), [UPG](#) ou [PSG-EG](#).

Mas tampouco ninguém os botou realmente em falta. Ali, ao pé dos seus restos, no cemitério da paróquia de Sam Fiz de Asma, no Savinhao, estava a sua amada, antig@s e leais camaradas e colaboradoras/es, o povo que o protegeu e lhe deu cobertura durante duas décadas.

Após o assassinato, a Guarda Civil visitou casas e aldeias da comarca do Lemos buscando pistas. Numha delas estava Mirelhe: *“Eu dixem de sair ao monte, mas na casa onde estava respondêrom-me de que de nengumha maneira, que aqui se morremos, morremos todos... botei umha semana sem dormir. As mulherinhas punham-me erva dormideira, sem eu ver, debaixo do travesseiro... fiquei sem umha cadela, de onde? Ele gastava em papel, gastava em multicopiar, ele tinha máquinas de escrever, comprava tintas, o demo do inferno! Como nom tinha contato de fora, trabalhava e organizava ele”*.

Após o demolidor golpe que supujo a morte do Piloto, Mirelhe abandonou as terras com que tinha compartilhado umha intensa e apaixonante vida. Depois da morte de Franco, voltou para a casa familiar de Recom. Nunca contou os segredos da clandestinidade, as casas e apoios que permitírom sobreviver à caceria fascista, mas numha entrevista concedida em 1980 reivindicou com orgulho a luita do Piloto e o profundo amor que ainda professava *“Olhe, eu estava e estarei apaixonada por ele sempre, até que morra. Passei muitos trabalhos, muitos... Eu tinha mui boas oportunidades para casar bem, porque era bastante agraciada naquele tempo. Tinha mestres, tinha ferroviários em mui boa posição, mas eu nunca quigem ninguém que nom fosse ele. Som umha mulher mui sensível, e desde que o conhecim, compadecim-me das penas que passava e sentim-me atraída por aquela ideia que ele tinha, tam firme. (...) Eu dava-o tudo por ele, tudo. Se via os guardas e podia evitar que recebesse o tiro e recebê-lo eu no seu lugar, eu recebia-o. Isso era assim e eu creio que assim tem que ser”*.

Albaceia da sua memória, embora umha boa parte dos factos nunca se podam vir a saber, pois levou-nos com ela quando faleceu, nom se pode reivindicar o Piloto sem contar com Mirelhe.

COBARDEMENTE ABATIDO POLA GUARDIA CIVIL

Na manhã de 10 de março de 1965, com meio século recém cumprido às suas costas, o Piloto realizou a sua última açom de guerra: umha apropriaçom económica de 15.000 pts a um rico vizinho de Lama Grande, na Bugalha, Savinhao, em “conceito de multa imposta polo governo legítimo da República”. Horas depois, caía abatido por disparos da Guarda Civil enquanto tranquilamente comia pam com chouriço à beira do regato das Andorinhas, no Choupám, que separa as paróquias de Pesqueiras e Sam Fiz de Asma, ambas pertencentes ao concelho de Chantada.

Tal como lembrou Mirelhe, se nom tivesse sido denunciado o Piloto “sempre trabalhou para derrocar Franco. Organizava, escrevia e trabalhava contra o franquismo”, estaria vivo ao seu carom. “Porque ao Piloto queriam-lhe muito nas casas onde estávamos. Era umha pessoa de caráter mui humano, que qualquer cousa que tinha, repartia-a. Isto convertia-o num homem mui querido, ao que nom é facil colher... mas esse delator seguiu-no, logo avisou a um guarda civil retirado e este chamou ao posto de Chantada. E ali, no salto de Belesar, quando comia à beira de um regato, mataram-no, pobrinho... mas, se nom fosse por esse homem, nom o colhiam nunca. Nunca”.

A imprensa da época recolhia assim a sua morte. “Piloto, foragido tristemente famoso, morto pola Guarda Civil em Belesar” intitulava a toda página a capa de “El Progreso” de Lugo.

A crónica oficial apresentou assim os acontecimentos:

“Às onze da manhã do dia 10, um vizinho do Savinhao confiou ao ex-subtenente D. Angel Fernández a notícia de que o tristemente foragido Piloto, que durante tantos anos castigou toda esta comarca, está outra vez por aqui. Este apressou-se a telefonar ao quartel da Guarda Civil de Chantada. Entretanto, o paisano viu como o Piloto atravessava a represa. Na sua aparência, era um empregado ou trabalhador qualquer, pois ia tocado com umha bilbaína¹⁹, um casaco de maom azul em bom estado e uns sapatos fortes. Tapava-se da chuva com um guardachuva e sem pressas percorreu os caminhos e dirigiu-se face o Paiol, beireando o rio barragem acima, e metendo-se, ao final da pista do embarcadouro polo canal até um regato chamado do Facheiro, que é limite entre as paróquias de Sam Fiz de Asma e Pesqueiras.

O ex-subtenente vigiou todos os seus passos e, umhas vezes adiantando-se e outras atrassando-se, conheceu o seu exato paradeiro; assim que quando posteriormente se apresentou o tenente chefe da linha de posto D. Alberto Díaz Lôpez, com os guardas, pudo indicar o paradeiro.

Dous guardas civis seguírom o seu derroteiro e outros dous avançárom pola parte alta por onde dominava toda a barragem. Os primeiros chegárom a um ponto onde vírom o sujeito, com as senhas exatas que acabava de receber, e gritárom-lhe “Alto, Piloto”, vendo que a reação imediata foi empunhar a sua pistola metralhadora para vender cara a sua vida. Nom houve lugar: três balas certas rubricárom a morte do tristemente famoso Piloto.

Quando lhe dérom o alto parece ser que estava comendo sentado numha pedra e com umha Parabellum do 9 longo com duplo carregador, umha pistola metralhadora e cento e sessenta e um projéteis. Na sua carteira tinha três cartons com o seu verdadeiro nome, José Castro Veiga, um deles do Partido Comunista e outro do Exército Vermelho, onde figurava o título de “general”. Levava também 15.625 pts, dous anéis de ouro, um selo e umha aliança. No seu pulso, um relógio de ouro Omega.

¹⁹ boné redondo e achatado sem viseira, em lã e inteiriço.

O seu semblante demasiado branco mostra às claras que refugava o sol e que levava umha vida oculta. A sua estatura era de um metro e setenta e o seu peso sobrepassava os oitenta quilos, a barba bem feita e tocado com um bigodinho muito curto. Nom era possível polo seu aspeto e indumentária de produtor pensar, ao vê-lo, que se tratasse do tam perseguido Piloto”. (El Progreso de Lugo, 11 de março de 1965).

Porém, o Piloto foi friamente executado numha açom de puro terrorismo de Estado. Nunca houve intençom de o deter, de o capturar vivo. Só se pretendia abatê-lo. Dérom-lhe o alto quando já estava morto.

“Dez de março achava-se Luís no lugar da Bugalha, na comarca chantadina, para retirar algum dinheiro de umha casa. Dario, um dos filhos, viu-no sem ser visto e saiu pola porta das traseiras, seguindo os seus passos pola ribeira, face a barragem que Fenosa²⁰ construiu em Belesar. Ao pé de um regueiro, sentou a comer pam com chouriço que alguém lhe dera. Enquanto o Dario lhe tinha contado o caso a Angel Fernández Blanco, empregado da barragem, ex-subtenente e filho de um brigada da Guarda Civil. O Angel chamou ao quartel de Chantada e posteriormente indicou o lugar onde estava. Os guardas seica nom queriam ir de boa vontade, mas o Angel ameaçou de dar o parte ao capitám de Monforte. Rodeárom-no. Ao vê-lo faltou tempo para que lhe disparassem quatro tiros na cabeça e no ventre, enquanto um berrava: alto Piloto!

Depois chegou o capitán, ele já estava morto, para lhe zorregar duas patadas no cu: “ahora te he cogido, cerdo comunista”, e a seguir foi transferido para o cemitério de Sam Fiz, onde lhe figérom velório alguns vizinhos, fala-se para evitar que vinhessem à sua procura os seus companheiros... De manhã, alguns dim que o esquartejárom como um porco, outros dim que nom, mas todos concordam em que o enterrárom despido de todo, na terra, dando volta à escada onde o levavam”, relata Mirelhe numha entrevista realizada em 1979.

No ano 2004, morreu no Porrinho Dario Vázquez Fernández, o delator que facilitou o assassinato do Piloto, que era filho de Ricardo Vázquez, o dono da casa do Souto, da paróquia de Rebordaos, Savinhao, onde o Piloto realizou o que foi a sua derradeira açom.

Pouco depois abandonárom a casa, pois a longa sombra da guerrilha que o Piloto implantou nesta zona nom os deixava dormir sossegados.

²⁰ Unión Fenosa era um grupo empresarial espanhol, presente em diversos setores da economia e mercados. A sua actividade inicial era a de produção e distribuição de energia eléctrica, mas posteriormente a sua actividade foi alargada a outras áreas relacionadas com a energia, como o gás, e a outros sectores como os serviços profissionais e telecomunicações. A Union Fenosa foi adquirida pela Gas Natural, que posteriormente operou como Naturgia, num processo que começou em julho de 2008 (quando a Gas Natural chegou a um acordo com a ACS para a compra de sua participação de 45,3% na Unión Fenosa) e culminou em setembro de 2009 (quando a que as ações da nova sociedade estavam admitidas à negociação).

PERSISTEM INCÓGNITAS

Nunca aceitou as ordens do PCE de abandonar a luta armada, mas tampouco emocionalmente se arredou do que para ele seguiu sendo sempre o partido. Nom sabemos com exatidom se na sua última etapa José Castro Veiga “Piloto” mantinha algum tipo de relação orgânica com o [PCE](#). O que sim podemos afirmar com rotundidade é que agia à margem da linha conciliadora da casta carrilhista. *“Ele era o que organizava e levava o peso todo, porque nom tivemos ajuda de ninguém”* lembra Mirelhe.

Entre as pertences que portava quando foi assassinado, seguindo a lógica da legislação de 1947 de nom fazer prisioneiros, as autoridades fascistas apresentárom um cartom do Exército de Libertação assinado por [Henrique Líster](#) poucos meses antes, pois aparece com a idade de 49 anos e como profissom General Chefe do Estado Maior.

A falta de umha investigação historiográfica profunda sobre a sua figura e sobre o fenómeno guerrilheiro antifranquista da Galiza, cumpre evitar especulações, mas também deixar-se levar polas aparentemente assépticas análises académicas ou as crónicas sensacionalistas que pretendem ocultar a verdadeira dimensom política e razons de umha luta heroica e exemplar.

Está pendente umha investigação global do papel e dimensom da guerrilha galega desta etapa. Os papéis do Piloto (escritos, apontamentos, publicações, documentos) como de umha boa parte dos quadros político-militares que ainda se conservam som fundamentais para entender porque este fenómeno atingiu umha dimensom de massas.

Os estudos parciais e incompletos realizados constatam que entre 1943 e 1951 morrêrom em combate 381 guerrilheir@s, 470 fôrom detid@s, 95 entregues, e também fôrom 5.381 enlances detid@s.

Era umha guerrilha urbana e rural com umha inequívoca composição popular, onde o proletariado urbano e labreg@s eram esmagadoramente hegemónicos.

O Piloto morre aos poucos meses do processo de reconfiguração da esquerda nacional iniciado 25 de julho de 1964 com a fundação da [UPG](#); o Piloto é abatido quando o [Che](#) estava caminho de Tanzânia para iniciar a campanha internacionalista africana; O Piloto é assassinado na fase primária de reorganização na Galiza da luta operária e popular contra o fascismo e pola libertação nacional e social.

Porém, o seu exemplo nom foi esquecido. O seu fusil foi recolhido por [Moncho Reboiras](#) primeiro, por [Abelardo Colaço](#) depois; por Lola Castro, por José Vilar mais tarde, e por todas aquelas mulheres e homens que continuam a lutar por umha Pátria Socialista, por fazer realidade um luminoso amanhã de liberdade, justiça social e paz.

ⁱ As notas ao pé de página são da autoria de José André Lôpez Gonçález.